

# A Universidade e sua reforma

HELVECIO DE OLIVEIRA AZEVEDO

Saber muitas coisas não ensina a ter sabedoria, porque, nesse caso, tê-la-iam aprendido Hesíodo e Pitágoras, assim como Xenófonos e Hecateu.

HERÁCLITO (frag. RP 31.D.40)

## INTRODUÇÃO

Difícultosa é a tarefa a que nos lançamos de abordar o problema da reforma universitária, tentando captar o máximo de seus aspectos multifários — cujas raízes vão dar nas encostas de vários degraus do conhecimento: filosófico, sociológico, econômico, estatístico, etc. —, tudo isso em síntese apertada de dez laudas datilografadas, como exige a limitação do espaço. É um desses problema *universais* (“*universalis*” — “*universitas*” — universidade), que devem ser focados em tôdas as suas cambiâncias e não em uma sòmente. Do contrário, cairíamos no unilateralismo comum em nossos tempos, ou seja, aquela tendência vigorante de se firmar sòmente num lado da questão. Hoje, ou se é isso *ou* aquilo, jamais isso *e* aquilo. Justamente para fugirmos desta situação estamos exigindo de nós próprios uma abordagem global do problema, nunca perdendo de vista que a universidade é, a um tempo, instituição social e intelectual, pública e particular, temporal e espiritual, nacional e internacional, como bem salienta Alceu Amoroso Lima.<sup>1</sup> Um problema como êste

---

1. *O Espírito Universitário*, p. 14.

fundamentações fincadas no *universal* (o termo, novamente), no ser das coisas. O problema está a pedir seja examinado também no ângulo filosófico. Um método exclusivamente sociológico assenta bem numa Universidade Totalitária, onde se verifica o primado das *ciências sociais*, visto que, aí, não é “a ciência pela ciência que domina, e, sim, a ciência a serviço da política; da política do Estado em geral ou mesmo da política de um partido”.<sup>2</sup> Tal é o tipo que contrapõe exatamente à universidade que preferimos, ou seja, a *orgânica*, cuja noção veremos.

Com tudo isso, estamos longe de negar as implicações sociológicas na vida da universidade; estamos negando é o exclusivismo. Senão seríamos nós os unilaterais, o que, na verdade, não desejamos parecer. Achamos ocioso e anti-científico, por várias razões, deixar a questão pender só para um lado. Principalmente porque, no caso, nunca se sabe com exatidão qual o lado que serviu de gênese do fenômeno. Onde, então, indagar: as nações são grandes, sociológica e economicamente falando, por causa de suas grandes escolas, ou suas escolas são grandes por que a nação também o é, sociológica e economicamente falando? A colocação, nessa feição, destas duas alternativas são qualificadas por Ortega e Gasset como um “*error fundamental que es preciso arrancar de las cabezas*”, ou seja, querer atribuir uma coisa à outra e vice-versa. Dizer, por exemplo, que as nações são grandes *porque* grandes são suas escolas é falso, é atribuir à escola uma força que não pode ter. Uma nação, isto sim, é grande *quando* sua escolã é eficiente. Não há nação grande sem sua religião, sua política, sua filosofia, tudo, ou melhor, quase tudo igualmente grande. O desenvolvimento nacional é global, é um complexo, um todo indiviso. A fortaleza de um povo produz-se em todos os setores, integralmente, como diz Ortega. Aliás, isto não é nenhuma novidade; há umas três dezenas de anos que a teoria do desenvolvimento adotou esta orientação.

---

2. Idem, *ibidem*, p. 22.

Não fiquemos, portanto, só com a sociologia e a economia, pois a problemática é extremamente complexa em sua inteiração com várias ciências e na relação de causa e efeito.

## CAPÍTULO I

### A UNIVERSIDADE E A REALIDADE BRASILEIRA

1 — A universidade, não obstante padecer das influências *especiais* do meio em que se radica e de se adaptar às condições históricas de determinado povo, sob pena de falhar no cumprimento de sua missão, não se deixa prender ao historicismo, como querem alguns adeptos dos relativismos materialista e agnóstico. Nem poderia ser doutra maneira, pois o que vemos, na realidade, é que esta instituição se apóia em certos princípios inamovíveis de caráter *geral*, e que nos fazem distingui-la em qualquer lugar em que estejamos, apesar de diferenças importantes. Justamente esta diferença (não *oposição*) entre aquilo que é geral e, portanto, estável, e aquilo que é especial e, conseqüentemente, do mundo ou da vida, é que torna difícil a análise das condições peculiares de uma universidade num dado contexto. O trabalho exige do intérprete qualidades especiais de espírito, consistindo em distinguir daquilo que dela é fixo, estável, próprio de sua natureza, o que há de acessório, social, adaptativo, histórico — contigência, enfim. Assim, no caso brasileiro, ao pesquisarmos a causa do mau desempenho de suas funções, distinguiríamos nos elementos adaptativos ou históricos a raiz do mal e não poderíamos, a pretexto de reformá-la, precognizar uma universidade estritamente política, por exemplo (à maneira de certo autor muito conhecido), pois, ao lhe conferir tal natureza espúria, subvertida estaria sua natureza legítima ou seus princípios inamovíveis. Os princípios gerais, natureza ou essência não mudam, permanecem assim como a essência de uma árvore é a mesma desde a formação da terra. Mas, como descobrir esta essência? podemos ir dizendo que, aí, está o nó de górdio da questão. E podemos dizer mais que, nesta questão, chegou o momento de efetuarmos uma inevitável e prévia tomada de posição, justa e equilibrada, no tocante aos princípios pri-



meiros. Não há filosofia que escape dêste dilema: ou esposa certos princípios elementares ou, então, cai no relativismo e torna-se impotente para ajuizar sôbre as coisas. E dêles nenhuma filosofia abre mão; do contrário todo o seu edifício conceptual viria por terra.<sup>3</sup>

Estas considerações são importantes ao interpretarmos um dado fenômeno social e funcionam qual luz intelectual que nos auxiliasse na separação do que é efêmero do estável, pois nem tudo existe para ser mudado.

2 — Podemos e devemos ver que, estatisticamente, a universidade brasileira não é democrática, do ponto de vista de sua acessibilidade à grande maioria do povo. Entre nós, sempre foi um privilégio, quase uma graça divina, ter guarida numa universidade. É um gôzo privativo de poucos brasileiros. Mas não é só isso: os poucos que a usufruem não dispõem de uma universidade totalmente eficiente, mas que, pelo contrário, carece de profundos e urgentes reparos.

É verdade que há a questão de uma grande maioria que não sabe apreciar os estudos, apesar de facilidades que eventualmente lhe possam ser concedidas. Existe em todos os países, menos nuns, mais noutros, às vêzes ultrapassando a margem de tolerância e trazendo conseqüências bem negativas ao desenvolvimento coletivo. Por outro lado, é inegável que, em nosso país, a mentalidade social ainda não se sedimentou completamente, devido a circunstâncias de várias ordens e à pouca idade da nação. Podemos estender além de nossas fronteiras esta casuística e abarcar nela tôda a América Latina. Entretanto, só recentemente começou-se a conferir ao fator mentalidade preeminência

---

3. Nesse sentido é que LÉON BLOY afirmou: "*Les abstraits philosophiques ne connaissent pas plus le pardon que l'humilité. Un homme peut répondre à la haine par l'amour, une idée jamais, et plus cette idée est excellente, plus elle récalcitre*". (As abstrações filosóficas não conhecem nem o perdão, nem a humildade. Um homem pode responder ao ódio com o amor; uma idéia jamais, e, mais excelente seja esta idéia, mais é intolerante). Contudo, cõmo veremos adiante, com o espírito de liberdade e despojamento dos fanatismos, não ocorre esta intolerância e estabelece-se o diálogo crítico num clima de livre expressão do pensamento.

nos processos de desenvolvimento. Do ponto de vista econômico, por exemplo, além dos fatores capital e matéria prima, existe, sobrepondo-se a êstes, um conjunto de aptidões, vocações, espírito de adaptação, pendor às pesquisas e aos estudos, amor à organização e à ordem, uma certa dose de civismo, capacidade técnica e várias outras virtudes na ordem moral e psicológica, que foram englobados por Albert Hirschman sob a denominação de “*inputs*” (*impulsos*) *não convencionais*,<sup>4</sup> nome técnico que vigora até hoje. Em nossos dias, a importância que se dá êsse grupo de fatores “*morais*” vem sendo reconhecida como *decisiva* e a *mais importante* num esforço de desenvolvimento.

Entretanto, não é correto inferir dessa parcial imaturidade uma conclusão definitiva; cremos que, sob o efeito do próprio tempo e, principalmente, sob a ação revificadora da *educação*, somada às imprescindíveis transformações estruturais que propiciem maiores condições à *pessoa* humana, forçosamente o temperamento coletivo se aperfeiçoará em escala crescente, podendo atingir estágios superiores aos vigentes nas maiores civilizações contemporâneas.

Da mesma forma, não se improvisa um espírito universitário; é fruto daquilo que vem com o tempo, com a educação, trabalho, disciplina. “Mas, como o tempo sozinho não basta — adverte Alceu Amoroso Lima — e, ao contrário, pode trabalhar em sentido negativo, precisamos fixar as linhas gerais de uma autêntica filosofia universitária para que o tempo atue de modo positivo e não negativo”. Mas adiante, o mesmo autor sublinha com vigor: “é uma ilusão pensar em ter universidades modelares em um país desorganizado e caótico”.<sup>5</sup>

No capítulo da psicologia coletiva, é interessante observar o que afirmou Ortega a respeito da investigação científica em motora de científicos está aún reducida al minimum, pero por

---

4. *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*, p. 14. Nesse mesmo local, HIRSCHMAN afirma: “Entre as causas próximas do desenvolvimento econômico, os recursos de capacidade de organização e de direção ocupam atualmente nos documentos oficiais uma posição de preeminência, pelo menos equivalente à do capital”.

5. *Idem*, *ibidem*, p. 10.

defecto de la Universidad como tal, no por creer ella que no es su misión, sino por la notoria falta de vocaciones científicas e de dotes para la investigación que estigmatiza a nuestra raza".<sup>6</sup> O peneador, neste passo, não fecha os olhos aos anacronismos da universidade em Espanha; refererada por vício da universidade, sofre dos fatores externos vocacionais desfavoráveis. É sempre desfiguradora a citação de frases alheias quando fora do contexto e daí caber a ressalva.

3 — A nota definidora dos nossos tempos é a inquietação popular frente as diferenças de oportunidades. O fato de a mentalidade do povo não haver atingido o *optimum*, no tocante às qualidades atrás mencionadas, não justifica a limitação das oportunidades de livre expansão da personalidade humana. Precisamente porque o "ótimo" não foi atingido é que nos parece necessária maior oferta de meios de ascensão. Mas esta maior oferta não vem isolada e deve ser suplementada com medidas governamentais que visem despertar no povo um certo desejo e necessidade de bem aproveitar as novas possibilidades, caso o povo, por si mesmo, não se desperte independentemente da ação estatal. Não basta dar novos meios, necessário se faz ensinar a utilizá-los e despertar no povo amor e respeito pelo nôvo mundo que lhe abre as portas. Sòmente nessas condições as vontades se desprenderão da abulia que as escraviza, ganharão consciência da situação e se disporão ao esforço que o estudo e a pesquisa demandam.

4 — Em matéria de educação, sempre vigorou entre nós aquilo que Anísio Teixeira denomina de "vitorianismo cabloco": desde o curso primário até o último escalão da atividade educativa, esta nunca penetrou em nenhuma grande camada popular. Até hoje, não obstante certo progresso, o *sistema seletivo* inicia logo no primeiro ano elementar, de modo que pouquíssimos chegam ao nível universitário. Tal fato, além de várias consequências funestas, vem desvirtuando a educação primária, cuja função não é pròpriamente selecionar, mas fornecer uma cultura

---

6. *Misión de la Universidad*, p. 13.



básica ao povo.<sup>7</sup> A universidade do tipo orgânico, diferentemente das outras, vem completar a educação secundária e primária, esta fornecendo os elementos fundamentais e aquela dando os instrumentos necessários aos estudos superiores e auxiliando na formação do estudante (*instrumentação e formação da personalidade do adolescente são as tarefas primordiais da educação secundária*). Assim, a universidade surge naturalmente como o coroamento de um *processo* educativo de um povo e perfeitamente interligada às fases precedentes.

Entretanto, a realidade educacional brasileira não se apresenta desta forma e o resultado é facilmente previsível: a auto-identificação nacional é defeituosa e distorcida, sem levarmos em conta que, do que sabemos, boa parte não se refere a nós. Atualmente, devido à intensa infiltração de produtos de outras culturas em nossas escolas, cinemas, jornais e revistas, indústrias,, nas famílias, nas ruas, em todos os lugares enfim — aqui entrados com relativa facilidade visto não encontrarem resistência por parte da cultura local, que os devia assimilar e adaptar —, as nossas crianças e adultos mais sabem, por exemplo, a respeito de Lincoln, Quatro de Julho, Guerra da Secessão, Guarda Real da Rainha Isabel II, Arco do Triunfo, Catedral de Notre Dame, etc., que a respeito de Hermes da Fonseca, Guerra dos Farrapos, Regimento dos Dragões da Independência e tantas outras coisas nossas. Dignas do conhecimento por parte dos brasileiros são tôdas aquelas coisas forâneas, integrantes da cultura geral e porque, afinal, não podemos viver ignorando o resto do mundo; mas há um vício radical nessas relações internacionais de cultura e êle reside precisamente no fato de não estar havendo equilíbrio entre uma e outra cultura e justamente a nossa é que está sendo relegada ao abandono. Contudo, isto é resultante do atraso geral e não seria razoável pretender uma elevada consciência cultural nessas condições gerais desfavoráveis. Por isso, vimos dizendo que o problema é global. Mas no dia que cogitarmos, com outro espírito, dessas questões, à

---

7. Vide ANÍSIO TEIXEIRA, *A Escola Brasileira e a Estabilidade Social*, na Revista Brasileira de Estudos Políticos nº 5, janeiro de 1959.

universidade caberá o pesado encargo de efetuar o levantamento de nossa formação cultural (no caso, no sentido de "*kultur*" e não de "*bildung*") e levá-la à consciência dos brasileiros, sem, entretanto, isolá-la num falso nacionalismo, antes de portas e janelas abertas às manifestações culturais os em todo o mundo na medida em que não nos desligue de nossa própria formação e lhe seja benéfica.

Desde o Império, vimos nos habituando a viver quase que de costas a nós mesmos. Hoje, entrados numa nova fase de rápidas transformações sociais provocadas pela repetina industrialização, mais necessitados nos tornamos de objetividade com relação aos nossos próprios problemas, visto que a estruturação social de poucos anos atrás tornou-se, súbitamente, obsoleta. Se o nosso desenvolvimento houvesse se processado por etapas, teriam se adaptado às novas situações. Contudo, o avanço não foi progressivo, ocorreu numa celeridade tal que nem as instituições, nem a mentalidade de grande parte da elite pensante e dirigente puderam acompanhar. A solução, certamente, não será ficar hostil a êste desenvolvimento, mas, sim, efetivar urgentemente as providências de adaptação social. Parece-nos correta, por isso, numa recomendação do I Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado, no correr de maio de 1961, em Salvador, que preconiza duas características que, numa sociedade como a nossa, em franca mutação sob o influxo de rápida industrialização, a Universidade deve adotar, caso queira se amoldar às transformações e nelas influir: 1ª) estar melhor integrada na sociedade e no meio que a criou e, 2ª), ter uma estrutura mais flexível, para se adaptar às mudanças sociais.

Em recente obra,<sup>8</sup> Celso Furtado estudou agudamente o que significa para uma cultura o fato de importar esquemas mentais de outras mais desenvolvidas. Embora se referisse à economia, onde êste fenômeno é vital e explicativo das querelas que se armam atualmente entre os economistas patrícios, êle se estende a tôdas as ciências sociais. Assim, por exemplo, um economista brasileiro geralmente se forma à base de estudo, lei-

---

8. *A Pré-Revolução Brasileira*" Ed. Fundo de Cultura, 1962.



turas, cursos e observações calcadas em realidades vigentes nos Estados Unidos e na Europa e, com êste material, vai formando no espírito os seus “modelos”, que, se utilizados numa estrutura menos diversificada, não apresentará nenhuma eficiência. Os países em desenvolvimento, como é natural, possuem fraca elaboração científica própria e, nesse setor, quase tudo importam. Por êste motivo é que vemos os nossos economistas, na sua grande maioria, apregoarem medidas (o pleno emprêgo ou a estabilização, entre outras) viáveis sòmente em sociedades homogêneas e desenvolvidas. Estas atitudes, por outro lado, à semelhança de quaisquer outras que o homem tome no decorrer de sua vida, se apóiam na aceitação antecipada de princípios básicos e certos juízos de valor (nem sempre claramente estabelecidos), que fazem impossível uma ciência social *pura*, ou seja, “independente de um conjunto de princípios de convivência social preestabelecidos, de julgamento de valor”.<sup>9</sup> Na formação de juízos de valor inteiramente adaptados à nossa realidade, livrando-nos ainda da carência que nos obriga os importar, está um dos trabalhos fundamentais da universidade, no plano social.

## CAPITULO II

### A PROBLEMÁTICA DA UNIVERSIDADE

1 — As tarefas da universidade, tal como aparecem nos trabalhos especializados, são sempre as mesmas, quer num autor, quer noutro, constituindo concordância quase unânime. Tornou-se mesmo um lugar comum na sociologia e filosofia universitárias. O critério distintivo situa-se numa perspectiva teleológica, tendo-se em mira os *fins* da instituição. São êstes os principais fins ou problemas da universidade: a) *formação cultural* das futuras elites do pensamento e de dirigentes da Sociedade; b) *transmissão do saber*, visando a formação profissional nas atividades intelectuais mais elevadas e, c) *investigação científica*, tendo por scopo o progresso das ciências e do saber humano.

---

9. CELSO FURTADO, op. cit., p. 81.

A natureza destas questões nos levam a um exame mais minucioso, dos pontos de vista *quantitativo* e *qualitativo*:

Sob o primeiro aspecto, indaga-se qual a preeminência que um dos fins teria sobre os demais, resultando da preferência de um sobre os outros um certo tipo de universidade: universidade *formativa* ou *cultural*, se a primeira finalidade prevalece sobre as demais (exemplo até certo ponto: as universidades de Oxford e Cambridge, na Inglaterra); universidade *técnica*, a que visa unicamente a formação de profissionais (a brasileira, tôdas as latino-americanas, as espanholas e portuguesas, por exemplo), e a universidade *científica*, se tem na investigação científica sua atividade mais importante (as alemãs, em parte).

No segundo ponto de vista, teríamos de determinar, com vista no primeiro fim, *qual a "índole da formação cultural a se ministrar"*; com vista no segundo, *quais os ramos do saber que se deve transmitir e como transmiti-los* e, tendo em vista o terceiro, *qual a natureza da investigação a ser procedida*.

Nesta altura, podemos extrair a fundamental conclusão de que, nestas duas trilógicas de aspectos, emanam as soluções de todos os problemas, grandes ou pequenos, da reforma universitária, bem como a chave de seu normal funcionamento. Uma obliteração, por menor que seja, de qualquer de seus fins redundará em seu fracasso como *universitas scientiarum*, comunidade de ciências.<sup>10</sup>

2 — Infelizmente, obrigados a nos manter nos estreitos limites impostos, teremos que nos primar por certa brevidade. Passemos "à coup d'oeil" a examinar as respostas que pudermos dar às questões propostas.

Em resposta à primeira, diríamos que a universidade será tanto "universitária"<sup>11</sup> quanto mais souber atender equilibradamente cada uma de suas finalidades sem desprezar as demais. Suas origens medievais indicam que esta é a orientação correta;

---

10. Vide, *O Problema da Universidade*, da lavra do reitor da Universidade de Coimbra, prof. GUILHERME BRAGA DA CRUZ, na revista "Convivium", de março de 1963.

11. Idem, *ibidem*, p. 6.

naquela época, eram tanto universalidades de mestres e alunos (“universitas magistrorum et scholarium”), como de ciências (“universitas scientiarum”) e de faculdades (“universitas facultatum”). O atendimento, pois, um de seus fins não significa sacrifício de um ou dois dêles. Acontece, porém, que, *na prática*, devido a fatôres econômicos, ausência de pessoal capacitado, falta de ambiente científico, etc., nem sempre é possível um atendimento harmonioso dos fins. Tal eventualidade existencial deve ser levada em conta e ela ocorre com muitíssima freqüência. Na realidade, mais de dois têtços dos países do mundo não são ricos. O prof. Guilherme Braga da Cruz, procurando construir um humanismo universitário cristão, ensina que, nestas circunstâncias, sacrifique-se a *pesquisa científicos* o motivo é que pouquíssimos alunos possuem real vocação para *homens de ciência*, desejam tão só serem bons profissionais, dirigentes políticos ou um estágio mais elevado, qual seja o de se transformarem em *homens de cultura* (“*bildung*”). Mas impõem-se condições irrefragáveis: a) que o sacrifício não vá além de um ponto razoável, considerado êste como o “limite além do qual a própria prospecção dos demais fins começaria a ser seriamente atingida”<sup>12</sup>; b) que não se deixe perder a pequena minoria de alunos que demonstre espírito científico no decorrer do curso, cabendo ao professor ir observando-os e aproveitá-los devidamente e c) que jamais se elimine a investigação *formativa*, ou seja, a pesquisa de fins exclusivamente pedagógicos, efetuada durante o curso sob forma de aulas práticas. Estas últimas servem também para ir revelando aquela minoria de autênticas vocações para a pesquisa científica, que será aproveitada.

3 — Tratamos ràpidamente da segunda questão, referente à valoração ou qualidade. No tocante ao primeiro problema — *formação cultural* —, volta à baila um assunto que já ventilamos, qual seja o da tomada prévia de posição no tocante às verdades essenciais sôbre o mundo, o homem e seu destino. Ortega não vê “*razón ninguna densa para que el hombre médio* [a quem é

---

12. Idem, *ibidem*, p. 15. . .



endereçada a universidade] *necesite ni deba ser un hombre científico*".<sup>13</sup> Na sua opinião, a universidade deve fornecer uma cosmovisão, conjugada com a formação interior, sem desprezar, contudo, os demais fins. Com a felicidade costumeira, Alceu Amoroso Lima diz que, "na universidade, deve-se colocar a Ciência acima da Técnica e a Sabedoria acima da Ciência".<sup>14</sup> Maritain não foge desta linha: "cada estudante deve ser obrigado a assistir a certo número de cursos, nas Cidades Universitárias, de puro conhecimento e de conhecimento do universal".<sup>15</sup> É óbvio que disso tudo haverá uma tomada prévia de posição quando se fôr escolher o tipo de formação e cultura a serem ministradas. Contudo, cabe dizermos: tomada de posição, sim, mas na liberdade, sem fanatismo, deixando que, na comunicação, se exercite a própria criticidade, como diria Karl Jaspers. O perigo que Léon Bloy via não existe para um espírito impregnado de tolerância construtiva e acuidade crdítica.

Far-se-ia êste conhecimento do universal em quaisquer cursos universitários, entrosando-os harmônicamente com as matérias pròpriamente da especialidade escolhida pelo aluno. Além das conseqüências benéficas que já mencionamos, tal procedimento iria, aos poucos, formando no espírito do estudante a noção de unidade das ciências, bem como do lugar ocupado há hierarquia científica pela sua especialidade.

Vem agora a segunda questão da trilogia segunda, ou seja, quais os ramos a ensinar e como ensiná-los na formação profissional. Podemos iniciar dizendo que a universidade deve dar guarida aos novos ramos científicos na medida de seu surgimento, integrando-os no seu contexto. Propositadamente dissemos "integrando-os" para frisar que não se trata de mera soma aritmética ou aglutinação. Para tanto, imprescindível é um sentido da *unidade das ciências*, porém, unidade através de uma justa *hierarquização* dos diversos ramos do conhecimento, ocupando o tópo as ciências puramente especulativas e culturais. Estabe-

---

13. *Misión de la Universidad*, p. 37.

14. *O Espírito Universitário*, p. 31.

15. *Rumos da Educação*, p. 135.

lecida esta condição de admissibilidade, a universidade sempre abrirá suas portas aos novos departamentos do saber. Conduto, fazemos outra ressalva: a universidade não poderá conceder abrigo a novas modalidades desprovidas de elevado conjunto científico e conceptual. É necessário que sejam *ciências*. É indício de ignorância da natureza e dos fins da universidade defender a instituição como obrigada a se transformar uma autêntica *escola de ofícios*, como ocorre nos Estados Unidos, onde ela ministra cursos de disciplinas francamente não-científicas, meros *ofícios* ou *habilidades*. A universidade é a “chave final do edifício”, a “cúpula da construção” cultural de um povo, sempre um espelho de sua maturidade histórica. Além do mais, seria ocioso: por que, na universidade, um curso de natação, de motorista ou do *métier de vendeur*, se existem abundantes escolas para tal?

4 — Nascidas historicamente na Alta Idade Média, orgânicas das escolas carlovíngias criadas, no ano 800, pelas célebres capitulares 787 de Carlos Magno, as universidades surgiram com êsse nome somente no século XII para significar as *corporações* profissionais de mestres e alunos. Foi só no século XIII que tal nome passou a se referir à própria instituição docente. Sua didática era profundamente formativa e conferia grande destaque às ciências culturais. As ciências eram escalonadas hierarquicamente, ocupando o primeiro lugar as especulativas, de conhecimento puro, e, sobre estas, a Teologia. Mesmo num curso de Medicina, por exemplo, essa formação cultural não se assentava. As faculdades, por outro lado, não estavam numa relação de mera coexistência, mas conviviam (*cum vivere*, viver em comum). Estavam profundamente entrosadas, bem como as suas cátedras no seio de cada uma. A religião sulcava-a fortemente de espiritualidade e de moral religiosa, o que facilitava a compreensão da unidade das ciências, dentro do escalonamento mencionado. A universidade era, pois, *orgânica*, no sentido exato do termo. Como primeira universidade, do ponto de vista de sua gênese, é apontada a de Bolonha (Itália); conduto, a que primeiro tomou êsse nome, como instituição de ensino e, não, como corporação profissional, acredita-se haver sido a de Paris,

sob a direção do cancelário de Notre Dame (conhecida, também, por "Sorbonne" desde 1257). Surgiram, após, várias outras, tôdas dentro do mesmo espírito e sob a direção didática e religiosa da Igreja.

Este breve esboço histórico é necessário à compreensão da universidade como instituição ou comunidade. Pensamos que a explanação sobre o *conceito* melhor se enquadrasse aqui, no final deste capítulo por razões metodológicas. Não se apreende tal conceito sem, antes, perpassar por certas considerações a respeito dos fins e da problemática universitária. Às vêzes, o lançamento prévio de um conceito oferece esta dificuldade, se se tem realmente amor ao método.

Ele já foi expedido esparsamente ao longo de nossas considerações, nas entrelinhas ou expressamente, sendo que a nossa tarefa será de apenas reunir os conceitos fragmentários. O conceito geral será então:

- universidade, quanto às suas *finalidades*, é a instituição criada pelo homem com a finalidade intrínseca de *formação cultural* da pessoa humana e, como finalidade extrínseca, incrementar a *investigação científica*, visando o constante progresso da ciência, bem como a *formação profissional* para o exercício de profissões intelectuais.
- quanto ao seu *modo de ser*, a universidade deve trazer a marca da *organicidade*, entendendo como tal uma *comunidade* de Faculdades, das cátedras respectivas, e dos institutos, convivência esta tanto mais harmoniosa conforme obedeça a situação valoritiva que se lhe dê dentro da hierarquia das ciências; bem como autêntica *comunidade* de professores, alunos e dirigentes.

Podemos concluir que o conceito medieval de universidade, apesar de suas lacunas no plano concreto, é o que mais coincide com o tipo orgânico, cujo esboço foi traçado acima.



## CAPÍTULO III

## A EDUCAÇÃO E O APRENDIZADO

1 — Ortega e Gasset, comentando o destroçamento da ciência econômica no após-guerra de 1914, disse que a mesma carecia de se apoiar no próprio princípio que engendra a atividade econômica do homem, caso quisesse renascer das cinzas. E afirmou que tal princípio é de uma simplicidade estupefaciente: por que a espécie humana pratica atos econômicos de produção, circulação, compra, poupança, etc. ? pelo singelo motivo de que as coisas necessárias e desejadas pelo homem não se dão com absoluta abundância. Se tudo existisse em grande quantidade, como ocorre com o ar, não haveria precisão de o ser humano fatigar-se com esforços econômicos. Desta noção podemos extrair importante ilação esclarecedora da questão-chave da pedagogia: por que existem atividades docentes? por que o homem se preocupa e ocupa com a pedagogia? <sup>16</sup> A resposta não apresenta atavios: para viver com firmeza e correção, como cabe a um ser racional, há mister de um imenso acervo de conhecimentos que a capacidade humana de aprender, extremamente limitada como é, não consegue abarcar por si só. Daí vem uma conclusão que nunca se deve perder de memória: a criança, o jovem, o adulto não conseguem aprender *tudo* aquilo que se lhes ensinar. Para Ortega esta é a essência do *princípio da economia no ensino*. Entretanto outro filósofo da maior envergadura, Jacques Maritain, por outros caminhos chegou a idênticas conclusões. Em "*Rumos da Educação*", alinha um total de sete erros muito comuns no mundo da educação, cujo relacionamento e comentários os estreitos limites dêste trabalho não permitem. Fiquemos com o sétimo, justamente o que toca ao nosso assunto, que é precisamente: "pode-se aprender tudo". MARITAIN vê suas origens nos sofistas, que diziam ser até a virtude possível de ser adquirida através de aprendizado e discussões. Ora, nem tudo

---

16. ORTEGA, *Misión...*, p. 29.

se aprende. A universidade, por isso, deve estar cônica de suas naturais limitaões e os universitários, o homem do povo e a sociedade, por outro lado, não podem ignorá-las, a fim de não exigirem dela aquilo que não pode dar. “Senão, — diz o autor de *“Les Degrées du Savoir”*, — a juventude dos colégios, teria além dos cursos de cozinha, de enfermagem (...), de como fazer bom casamento, — por que não? — cursos cientificamente baseados, que ensinem a adquirir gênio criador nas artes ou na ciência. A consolar os que choram. A ser um homem generoso...”<sup>17</sup>

Como diz o referido autor, pode-se ensinar filosofia, não a sabedoria, que se aprende apenas através da experiência individual espiritual. Assim, a obra educativa se expande por duas esferas: a *educacional* propriamente dita e a *extra-educacional*. Compõem a primeira a família, a escola, o Estado e a Igreja. A segunda alcança tôda a exterioridade humana, onde o indivíduo exercita as suas atividades existenciais, ou seja, “o trabalho diário e o sofrimento, as desilusões do amor e da amizade, os costumes sociais, a lei, a sabedoria popular a se refletir no comportamento...”<sup>18</sup> Ao bater às portas da universidade, vem trazendo o estudante um imenso conjunto de elementos educativos apreendidos nas etapas anteriores, etapas que, muitas vezes, não cessarão de influenciar mesmo durante a sua estada nos tabernáculos do ensino superior. Não se espantem, pois, as almas facilmente escandalizáveis se a universidade não ofereça tudo aquilo que uma vã ilusão possa fazer esperar. Estas naturais limitaões não deverão ser desprezadas numa genuína reforma universitária. E mais uma vez constata-se o caráter global da problemática reformista, pois setores vitais para uma correta vida humana carecem ser cabalmente reformados, tais como a família, o Estado, a sociedade em geral, sob a luz do Cristianismo, a fim de que a universidade — já de si carente de reformulaões — não fique a sofrer os impactos de suas imperfeições.

---

17. *Rumos da Educação*, pp. 45 e 46.

18. *Idem*, *ibidem*, p. 48.

## CAPÍTULO IV

ESBÔÇO DE UMA POLÍTICA UNIVERSITÁRIA  
REFORMISTA

1 — Pensamos que uma política universitária bem que poderia estabelecer dentro dos princípios relacionados abaixo, mas nunca se esquecendo de cotejá-los com a própria estrutura viva, tal como existe na realidade. Será preciso, portanto, confrontar a elaboração teórica com os fatos concretos. Desconhecemos uma esquematização mais perfeita que a de Alceu Amoroso Lima e, por isso, resolvemos adotá-lo com algumas modificações que tomamos a liberdade de efetuar, fruto de nossa experiência de universitário e outros estudos (introduzimos alguns elementos outros: elementos formais). São êles:

A) *ELEMENTOS FÍSICOS* (dão o corpo)

## 1 — FÍSICOS — (sede)

- a) *localização adequada;*
- b) *edifícios, laboratórios;*
- c) *bibliotecas*

d) *setor assistencial ao estudante* (bolsas suficientes para os alunos economicamente pobres, serviço médico, restaurantes, etc.). A universidade não pode ignorar os tremendos problemas sócio-econômicos do estudante;

e) *setor desportivo* (principalmente a natação, esporte completo, bosques, etc.). Não se visaria formar clubes que constituiriam finalidade em si, mas apenas uma complementação com a vida ao ar livre e com o contacto direto com a natureza.

## 2 — TÊCNICOS — (organização)

a) *sistemas pedagógicos* — que fôssem eficientes, racionais e recriadores da natureza humana. Não haveriam as clássicas aulas de preleção, simples ditado ou doação, mas um *diálogo* amigo e crítico, complementação com aulas práticas e a obser-



vação da natureza. Nesse capítulo há um mundo de considerações a fazer que não cabem neste trabalho;

b) *administração racional*.

## B) ELEMENTOS FORMAIS (que dão vida)

1 — PLENITUDE — capacidade de conciliar a *especialização* com a *cultura geral* na consecução de uma educação integral, em que a Sabedoria venha acima da Ciência e esta acima da Técnica.

2 — AUTONOMIA — que se desdobra em três formas inseparáveis: *didática*, *financeira* e *administrativa* (ou *política*). Autonomia não é independência, com relação ao meio social nem à planificação do ensino superior que acaso o Estado julgue-os conveniente executar. A universidade tem compromisso com a Sociedade.

3 — INTELECTUAIS — finalidade *cultural* ou *formativa* (intrínseca); finalidade de *pesquisa* (*extrínseca*); finalidade *profissional* (*extrínseca*).

A finalidade “extrínseca” não significa “desligada” da universidade, mas, sim, subordinada, teòricamente (dependendo, em certos casos, das necessidades reais de um país num dado momento), às ciências culturais.

## 4 — ESPIRITUAIS — (ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO):

a) no corpo *docente*; b) no corpo *discente*; c) no corpo *dirigente*.

O espírito universitário, ao florescer, trás consigo tôda uma gama imensa de amizade fraterna, de “espiritualidade transcendente e definida”, de cooperação, de senso de responsabilidade para com a sociedade, dedicação ao Saber e à Verdade, despojamento do máximo possível de orgulho intelectual, do tom suficiente, sabendo que “a mais importante cátedra é a do silêncio e da humildade”.

Esta é a universidade ideal, pertencente em parte à civilização do futuro, mas que nós, homens do presente, temos que ir trabalhando, ir sofrendo para sua breve atualização em nosso

mundo. Assim, o problema da reforma universitária se resume em ir aproximando, através de sucessivas arrancadas, dêsse modelo ideal. É a universidade que desejamos para o Brasil e que esperamos, um dia, aqui seja concretizada.

2 — Diga-se ainda que, embora vise, em primeiro lugar, a formação da *pessoa* humana, dando-lhes importantíssimos meios (não todos) para a livre expansão de suas potencialidades anímicas e corporais, os frutos do labor universitário, à medida que enriquecem a pessoa que os cultivou, não permanecem em sua posse pois são revertidos em benefício da Sociedade. Isso porque a universidade também possui uma *função social*. Deve estar constantemente a fornecer subsídios, orientação, diretivas, interpretando a vida social, o que vai diminuindo, cada vez mais, a distância que a separa da coletividade humana que a cerca. Deve ainda respeitar os grupos sociais menores, como a família, tal como deve ser numa sociedade pluralista. Como tanto dissemos no decorrer dêste trabalho e convém que se frise mais uma vez, a universidade brasileira não vem exercitando êste movimento em direção da coletividade. Nós que amamos a universidade e lutamos por não vê-la destruída, somos inimigos dos seus inimigos e, por isso mesmo, seremos os primeiros a querê-la reformada, a fim de que, forte, possa resistir àqueles que a combatem.

3 — Encerrando, desejamos falar resumidamente sôbre a discutida questão da *cátedra vitalícia*. Antes de tudo, devemos ver que se trata de um problema atinente a uma "sistema". E, por isso, relativo. Variam no tempo e no lugar as soluções "sistemáticas". Num país, um dado sistema pode ser eficiente, mas, noutro, não ser bem sucedido. É que, num sistema, o que vale é o homem que o preenche e executa. Além disso, um sistema pode se tornar necessário devido às circunstâncias históricas e à índole do povo que o adota.

No Brasil, julgamos a vitaliciedade uma garantia em favor da liberdade de cátedra, da livre expressão do pensamento construtivo (não dos maus pensamentos que serão coactados pelos meios próprios). Na América Latina, é também garantia contra os hábitos políticos rasteiros, contra as convulsões políticas,

contra a arrogância de chefetes representativos das camadas aristocráticas.

Mas, chegados neste ponto, adotamos o pensamento do prof. Edgard de Godoy Mata-Machado, insigne pensador mineiro. Segundo êle, deve-se estabelecer certas condições para a vitaliciedade, adotando-se as providências seguintes: a) criar um sistema de tal modo estruturado com os assistentes, livres docentes, pesquisadores, etc., de uma mesma cadeira, que o catedrático se veja na contingência de se diligenciar mais em estudos e pesquisas; b) obrigação de o catedrático publicar periódicamente um bom trabalho ou pesquisa; c) submeter-se novamente a concurso de *confirmação* na cátedra, dez anos após a sua subida à mesma, por exemplo, tal como ocorre no Uruguai. Após êste concurso e confirmação, o catedrático teria a vitaliciedade. Com essas medidas, puras, adaptadas ou associadas, o problema ficará satisfatòriamente solucionado. Sempre sujeito a erros, pois a fraqueza é humana. Um bom sistema, bem implantado e executado, porém, podem em muito atenuá-la.



## BIBLIOGRAFIA

- ALBERT O. HIRSCHMAN — *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*, trad. da prof. Laura Shclaefer. — Editôra Fundo de Cultura, Rio — 1960.
- ALBERT SCHWEITZER — *Cultura e Ética*, trad. de Herbert Caro. — Edições Melhoramentos, São Paulo — 1960.
- ALCEU AMOROSO LIMA — *O Espírito Universitário*. — Agir, Rio — 1959.
- EDGARD DE GODOY DA MATA MACHADO — *O Cristão e a Cidade*. — Livraria Duas Cidades, São Paulo e Belo Horizonte — 1961.
- ÉMILE ROCHE — *Nouvelle étape dans la réforme de l'enseignement in "Révue Politique et Parlementaire"*. — Maio de 1950, nº 593, Paris.
- GUILHERME BRAGA DA CRUZ — *O Problema da Universidade in "Convivium"*. — Março de 1963, nº 2, São Paulo.
- GUNNAR MYRDAL — *Economic Theory and Under-developed Regions*. — 2ª edição inglesa, Gerald Duckwoth & Co. Ltd., Londres, 1957.
- JACQUES MARITAIN — *A Pessoa e o Bem Comum.*, trad. de Vasco Miranda — Livraria Moraes Editôra, Lisboa — 1962.
- Rumos da Educação* — Trad. de Inês Fortes de Oliveira, 2ª edição, Agir, Rio — 1959.
- Introdução Geral à Filosofia* — 5ª edição, trad. de Ilza das Neves e Heloísa de Oliveira Penteado, Agir, Rio — 1959.
- JOSÉ ORTEGA y GASSET — *Misión de la Universidad*. — 3ª edição em castelhano, Revista de Occidente, Madrid — 1960.
- JOHN HENRY NEWMAN, Cardeal — *Origem e Progresso das Universidades*. — Trad. e prefácio do Pe. Roberto Sabóia de Medeiros, S. J., São Paulo — 1951.
- JOHN U. NEF — *Is the Intellectual Life an End in Itself?* in "The Review of Politics", The University of Notre Dame. — Janeiro de 1962, nº 1, vol. 24, Notre Dame, Indiana, E.U.A.
- LUC MAES — *La Politique Universitaire derrière le Rideau de Fer in "Revue Politique et Parlementaire"*. — Maio de 1950, nº 593, Paris.
- M. DE WULF — *Histoire de la Philosophie Médiévale*. — 3 volumes, Paris-Louvain — 1934 a 1936.
- MARIA DAVID DE A. BRANDÃO — *A Crise Universitária como Crise de Estrutura in "Educação e Ciências Sociais"*, editada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. — Maio-agosto de 1962, vol. 10, nº 20, Rio de Janeiro.

- RAFFAELLO FRANCHINI — *L'Educazione dei Sentimenti* in "Studi Politici", nº 1, II série, ano IV. — Janeiro-março de 1957, Firenze.
- CELSO FURTADO — *A Pré-Revolução Brasileira*. — Editôda Fundo de Cultura, Rio — 1962.
- LÉON BLOY — *Peges Choisies*, par Raissa Maritain et présentées par Jacques Maritain, Mercure de France, Paris — 1951.
- ANÍSIO TEIXEIRA — *A Escola Brasileira e a Estabilidade Social* in "Revista Brasileira de Estudos Políticos", nº 5 — Janeiro de 1959, Belo Horizonte.
- GILBERTO DE MELO KUJAWSKI — *Cultura e Liberdade* in "Convivium". — Julho-agosto de 1963, São Paulo.
- JUAN MANTOVANI — *Idea, Forma y Misión de las Universidades en los países latinoamericanos*, in "Política", nº 21. — Abril-maio de 1962, Caracas, Venezuela.